

A PRÁTICA DA ARTE TOMA CONTA DO MAM

Geraldo Viola

SÃO 800 alunos, o mais jovem com cinco anos e o mais idoso com 61, e movimentam-se diariamente pelo espaço inferior do Museu de Arte Moderna, sonhando com o dia em que, artistas formados, ocuparão a nobre sala de exposições do prédio. Eles participam dos 50 cursos, práticos e teóricos, que o museu vem dando há um mês nos seus ateliês, salas e oficinas, uma tradição da maior importância para as artes brasileiras e que o trágico incêndio de anos atrás havia interrompido.

— "Aqui também se faz arte", poderia ser um slogan para o efervescente MAM de agora, contrariando a antiga prática dos museus de apenas expor arte. São cursos de gravura, pintura, desenho, fotografia e há uma boa parte das pessoas que simplesmente participam de vários deles, saindo de um ateliê de escultura para outro de desenho de modelo vivo.

— O MAM está novamente ativo e a melhor prova é a realização desses cursos — diz Lena Bergstein, professora de gravura, ela mesma formada, 12 anos atrás, em aulas no próprio MAM. — Nossas oficinas são de ótima qualidade, temos material para as aulas, e encontramos alunos vivamente interessados na discussão da arte brasileira e na sua prática. O momento do museu não podia ser melhor.

Os cursos são livres, não se pediu qualquer prova de capacitação artística aos interessados, e os que não conseguiram inscrição para esse semestre já fazem fila para as matrículas que se abrirão em julho. Todos querem fazer arte no MAM, há gente de outros Estados que se mudou para o Rio apenas para isso. Estudam ali desde Ghida Pamplona, artista plástica conhecida, professora da Escola de Arte Hélio Rodrigues, e que se interessa agora por gravura depois de longa produção de desenho; até Júlio Cardoso, 61 anos, que cursa o ateliê livre de pintura para alunos maiores de 50 anos, depois de ter sido o pior aluno de artes nas escolas que frequentou e jamais ter conseguido desenhar qualquer coisa.

— Gostei tanto — diz ele, quase sem tirar os olhos do papel de desenho — que vou fazer dois outros cursos, o de colagem e o de papel machê, para trabalhar no carnaval.

Os professores são do primeiro escalão das artes brasileiras, artistas valorizadíssimos como Rubens Gerchman, Aluísio Carvão, Eduardo Sued, Dionísio Del Santo, Lena Bergstein, Roberto Moriconi, entre outros. A maioria está de acordo com as últimas notícias da vanguarda, mas, diante da turma, fazem questão de não influenciar estilos, fornecendo principalmente a técnica.

— "Eu procuro estimular a consciência do processo de serigrafia como elemento criador e coloco a técnica à disposição do aluno. O resto é com ele. Ele é que vai escolher entre o abstrato, o geométrico, o figurativo", diz Dionísio Del Santo, professor de 15 alunos interessados em serigrafia. É uma turma de alunos avançados — há outra apenas com iniciantes — e pode-se encontrar nela alunos como Liana D'Urso, que já fazia serigrafia em tecido, ou ainda a pintora Ana Lúcia Sigaud, que procura na serigrafia uma forma de tornar seu trabalho mais comercializável.

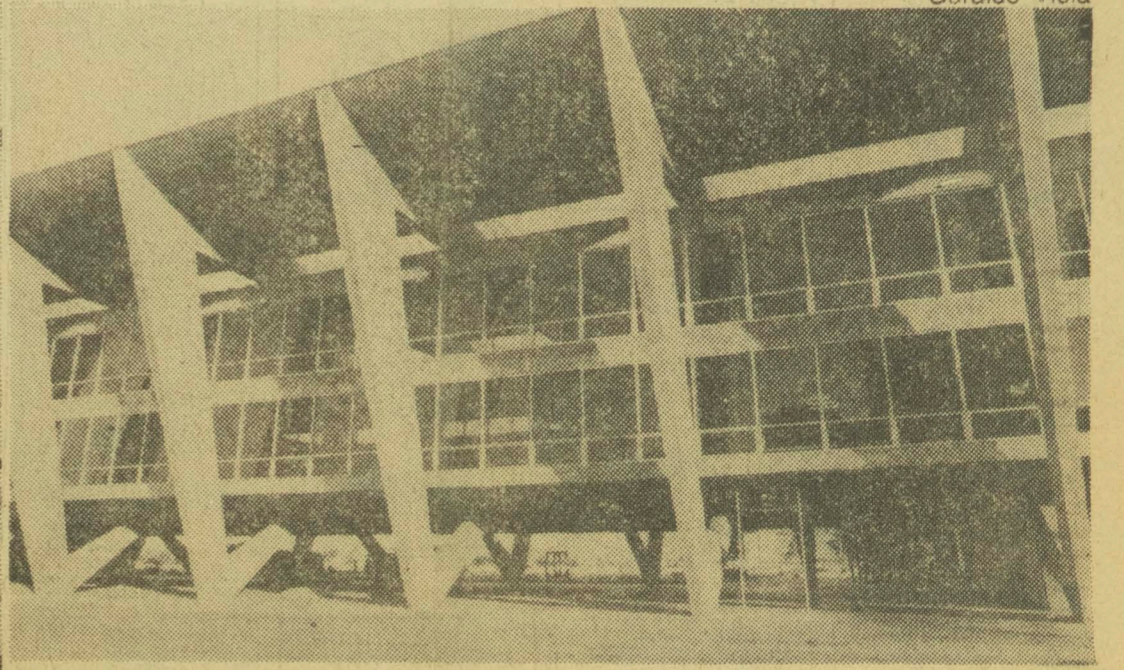
— Pintando em tela não se consegue vender nada hoje — afirma Ana Lúcia. — Com a reprodução que a serigrafia permite, há um arateamento da obra e maior interesse das pessoas. Em dois meses de aula já consegui aprender a técnica e vender várias obras.

As aulas começam às 8 horas da manhã e se encerram às 21h, todos os dias. Respira-se arte a cada metro do Bloco Escola, ao lado da cinemateca, onde encontram-se as salas. Nenhuma tendência é reprimida. Frida Baranek, 22 anos, aluna de *Dimensões do espaço escultórico*, fez um trabalho ousado de "volume" durante o início do dia 10, na Candelária. Estendeu uma bobina de 50 metros de plástico branco na avenida e pediu que as pessoas escrevessem suas mensagens. Aos poucos o plástico ia sendo puxado para o alto do prédio da Secretaria Municipal de Fazenda. Vanguarda pura. Ao mesmo tempo o professor da cadeira, Tunga, estava em Paris e propunha numa rua de lá algum tipo de trabalho. Frida não sabe de detalhes da experiência, nem quer saber.

— Quando ele chegar vamos analisar os resultados, ver as identificações, o importante é esse desconhecimento das propostas — afirma Frida. — No que fizemos aqui fiquei impressionada com a frequência em que apareceu a palavra "fome".

ATÉ o final dessa semana estará exposta no corredor do Bloco Escola uma seleção do melhor realizado por cada aluno nas aulas. Trabalhos como a maquete de uma cidade, feita por crianças da oficina infantil, ou o expressionismo de Ana Maria Gialluisi da Silva, aluna de pintura de modelo vivo que, ontem pela manhã, ao som de Ravel, pintava com cores exuberantes, sobre papel, o corpo nu de um modelo negro à sua frente, estirado no chão. Ana Maria é dona de uma loja de doces em Petrópolis, de onde desce diariamente para as aulas.

— Eu sempre achei que tinha alguma coisa para botar para fora, algo para expressar, mas não sabia como — afirma. — Com as aulas do MAM me desbloqueei inteiramente, adquiri técnicas de desenho, de pintura, e fico impressionada com o que consigo fazer. Além disso mudei inteiramente como pessoa. Estou me-



Liberdade de criação é a única regra fixa dos cursos do MAM — do ministrado pela gravadora Lena Bergstein ao curso de modelo vivo de Gianguido Bonfanti

lhor. Quando você consegue expressar o que tem lá dentro, tudo fica mais fácil na vida.

O professor de Ana Maria é Gianguido Bonfanti, que se mostra satisfeito com os resultados conseguidos em sua turma:

— O MAM tem todas as condições de se tornar o grande centro formador de artistas brasileiros. A Escola de Belas-Artes é fraca, não dá condições reais de se formar um artista, a Escola do Parque Laje, depois de Gerchman, também não conseguiu realizar bons cursos. Mas mesmo se não formarmos artistas aqui, os cursos do MAM servem para que o aluno veja de outra maneira uma exposição ao visitar um museu e que influencie sua mulher, filhos. O Brasil é carente em tradição plástica. Estamos aqui, no MAM, deslançando um processo que não faz parte da nossa tradição.

A produção desses cursos é cara — haja tela para pintura, metal para as gravuras, ácidos para a serigrafia — e é feita basicamente com o arrecadado nas inscrições (que variam de Cr\$ 45 mil a Cr\$ 90 mil). Firmas particulares, no entanto, ajudam o renascer do museu e graças, por exemplo, a J. Alencar Foto conseguiu-se montar boa parte do caríssimo laboratório onde os alunos de fotografia revelam seus trabalhos. E assim o Departamento de Atividades Educacionais do MAM, responsável pelos cursos, consegue ter suas salas, oficinas e ateliês em constante atividade.

— Esses cursos eram uma tradição do MAM que estava interrompida. Ao trazê-los de volta, queríamos que atendessem não só ao público interessado em arte como lazer, mas ao artista que pretende aprimorar-se em nossos ateliês — diz Suzane Workman, coordenadora. — As escolas tradicionais têm empecilhos burocráticos e acadêmicos que dificultam a formação de um artista. Aqui, por não haver diplomas, há liberdade maior de ação.

Na verdade os cursos do MAM foram abertos em 1957, inaugurando-se o maior centro formador de gravadores do país, com alunos do nível de Ana Bella Geiger, Tereza Miranda, e atraindo professores como Ivan Serpa (pintura), Abelardo Zaluar (desenho), Fayga Ostrower (Análise Crítica) e muitos outros. Foram interrompidos em 73, reiniciados e novamente fechados pelo incêndio. Mas nunca foram em tão grande número como os de agora.

— Eu trabalho principalmente em nanquim, desenho, mas sempre fui fascinada pela gravura com relevo — diz a francesa Dominique Royet, no ateliê de gravura de Rossini Perez. Perez, veterano professor dos cursos do MAM, acompanha pacientemente o trabalho de cada aluna até a prensa do século 19, colocada como um monumento no meio da sala, e em pleno funcionamento. Glória Lins, outra de suas alunas, faz gravura há dois anos, e não pensa em profissionalizar-se.

— Queria transar alguma coisa de dentro de mim e achei que a gravura seria o ideal, porque pintura é muito difícil — diz ela.

Esses alunos ficam em média quatro horas por dia no MAM e, além de realizarem seus trabalhos, discutem vivamente as tendências artísticas de cada um, debruçam-se sobre livros importados, como fazia um grupo ontem, no final da aula de Lena Bergstein. Na porta das salas estão as fotos com que os alunos de fotografia documentaram as aulas dos ateliês. Há um frisson de criatividade no ar. É o menino suburbano que chega com uma pasta cheia de xilogravuras interessantíssimas, mas de técnica nobre, e que no ato ganha uma bolsa de estudos. Os caminhos de quem quer se iniciar em arte levam ao MAM, estão lá os melhores professores, oficinas bem equipadas e cabeças em efervescência. Os cursos teóricos também são muito frequentados.

— Estamos ensinando as pessoas a expressar seus sentimentos e isso não é bom para as artes brasileiras, é bom para todas as atividades do país — diz o professor Gianguido Bonfanti, enquanto a música de Ravel continua a tocar ao fundo e o modelo nu inventa uma nova pose para que os alunos a gravem em guache ou óleo.



Arte Contemporânea